

Pouco resultado nas muitas exposições de 77

Mais de 500 exposições foram realizadas em São Paulo durante este ano. Galerias, museus, centros de artes e entidades culturais e artísticas encarregaram-se de promover as mostras.

Houve também cerca de 50 leilões de arte, quase todos concentrados em pinturas e desenhos, enquanto outros destinavam-se aos colecionadores de objetos antigos. As 40 principais galerias de arte da cidade — localizadas principalmente na área dos Jardins — ofereceram ao público desde obras de artistas de nome já firmados até trabalhos de artistas em potencial. Não faltaram exposições sem qualquer interesse, assim como mostras de caráter didático e as que exigiram debates.

Mas num balanço geral, 1977 não foi um ano marcante no setor das artes plásticas de São Paulo. Se o número, a quantidade de exposições atingiu proporções admiráveis, já não se pode dizer o mesmo da qualidade, criatividade e renovação. Houve muita repetição e apresentação de artistas que não passam um ano sem expor, situação que desgasta um pouco, forçosamente, a sua imagem.

Algumas mostras foram de bom nível, e nestes casos estão as de Bernardo Cid na galeria Christina Faria de Paula, Ermelindo Nardin e Mauricio Nogueira Lima (Global) ou de Antônio Vitor e Takashi Fukushima (na Paulo Prado), foram também marcantes as individuais de Antônio Henrique do Amaral (Bonfiglioli), Flaminghi (A Ponte), Fayga Ostrower (Múltipla), Vera Tupinambá e Cicero Dias (Portal), Guilherme de Faria e Ianelli (Cosme Velho), Maty Vitart e Gilberto Salvador (Projecta), Spindola (Fundação Armando Álvares Penteado), José Zanine (na Ipanema), Juarez Magno (Documenta) e Sérgio Camargo (Gabinete de Artes Gráficas).

As retrospectivas, embora poucas, mereceram destaque especial, por que possibilitaram ao grande público conhecer com pormenores o que realizaram artistas do porte de Segall (no Museu Lasar Segall), Gerda Brentani (no Museu de Arte Moderna) e Anita Malfatti (Museu de Arte Contemporânea), além de mostra que reuniu dezenas de obras de pintores construtivistas ou geométricos brasileiros (na Pinacoteca do Estado). De quebra, o Museu de Arte de São Paulo realizou mais de 50 mostras, algumas comemorativas do seu 30.º ano de criação.

Bem no fim do ano algumas exposições foram uma espécie de revitalização do movimento artístico com as mostras de pintura de Maria Leontina (Grifo) e de Eliseu Visconti (na Global); as esculturas e Argentinelli (Skultura) e ainda as gravuras de Guersoni (Bonfiglioli); os minúsculos de Pennachi (na nova galeria Entreaartes) e, de um modo especial, o Panorama Brasileiro de Desenho e Gravura, organizado mais uma vez pelo Museu de Arte Moderna de São Paulo, onde estão reunidos, até fins de janeiro, perto de 450 trabalhos de 130 artistas.

Deixou de ser realizado o Salão Paulista de Arte Contemporânea e a Secretaria de Cultura, Ciências e Tecnologia nada explicou até agora sobre isso. A mesma Secretaria deveria justificar a razão ou razões de não mais dar seqüência aos concursos "Estímulo", que serviam para descobrir e incentivar, no interior, os novos talentos nas artes plásticas e na música.

As artes plásticas levaram a pior, também, em São Catano do Sul e em Santo André, que deixaram neste ano de promover os seus Salões de Arte Moderna.

A compensação para tudo isso seria a Bienal de São Paulo, em sua edição de n.º 14. Mas o certame do Ibirapuera deixou muito a desejar, a tal ponto de encerrar-se melancolicamente três semanas antes da data fixada anteriormente. Entre algumas exceções, a bela sala antológica de Rufino Tamayo, a evidenciar toda a excepcionalidade do pintor mexicano agora em seus 78 anos, e a marcante pintura do salvadoreño Benjamin Canals.

Alguns dos artistas brasileiros realizaram exposições no exterior: Antônio Henrique do Amaral (nos Estados Unidos), Arcangelo Ianelli (México, El Salvador e Peru), Aldir Mendes de Souza (Estados Unidos), Jorge Bussab (Córdoba, Argentina) e Inos Corradin (em Israel), além da participação em coletivas levadas ao estrangeiro por museus, entidades culturais e mesmo por iniciativa particular. Ainda agora, a crítica Lisetta Levi embarcou para a Itália e na segunda quinzena de janeiro mostrará, na embaxada brasileira de Roma, obras de 15 gravadores. Entre eles, Guersoni, Romildo Paiva, Hans Grudzinski, Gerty Saruê e Antônio Lizarraga, todos de São Paulo.

Dos que vivem no exterior, alguns fizeram mostras individuais em São Paulo. Entre eles, Arthur Luiz Piza, na Global, Sérgio Camargo, no Gabinete de Artes Gráficas, Cicero Dias, na Portal, Antônio Peticov, na Luisa Strina e Yvete Ko, na Projecta.

Duas artistas, além disso, assumiram postos de entidades de classe: a pintora Ernestina Karman passou a presidir a Associação Paulista de Críticos de Artes (APCA) que congrega críticos das várias áreas artísticas (música, televisão, cinema, teatro, pintura, dança, etc.), e a gravadora Izar do Amaral Berlink

foi eleita presidente da Associação Internacional de Artes Plásticas (AIAP), Seção de São Paulo.

Pelo menos três grandes perdas de amigos da arte neste ano: Ciccilo Matarazzo, criador e incentivador das Bienais de São Paulo; o crítico José Geraldo Vieira e o divulgador constante Júlio Pacello.

E para 1978 a programação dos museus e galerias já começa a definir-se, como no Museu de Arte de São Paulo, que trará uma grande mostra de Friedlaender, um dos grandes nomes da gravura moderna, e também 100 desenhos de Portinari nunca expostos antes. A Galeria Grifo fará uma montagem especial das obras de Grassmann; a Skultura divulgará a obra de vários períodos do Calabrono, comemorativos do seu 50 anos; o Escritório de Arte de Renato Magalhães Gouvêia reunirá objetos laminados de Toyota; a Documenta vai mostrar a criatividade gráfica de Hans Grudzinsky; o MAM fará um novo Panorama da Arte Moderna Brasileira, desta vez na área da pintura, e o MAC já programou para fins de 78 uma retrospectiva do pintor, escultor e desenhista Joaquim Figueira.

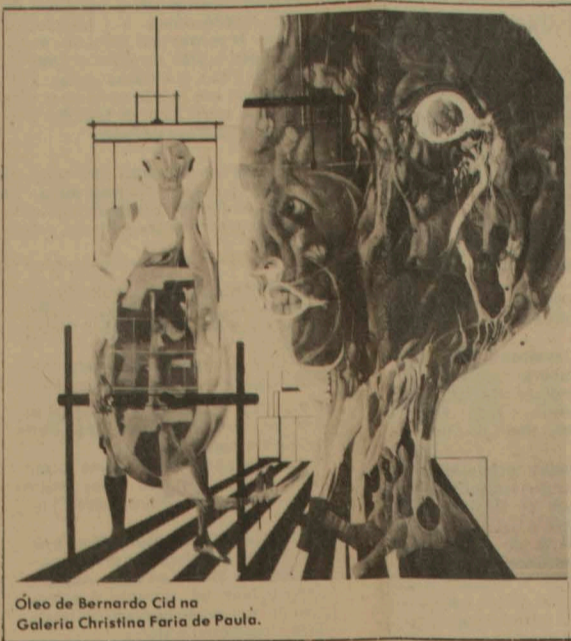
Ivo Zanini



Grande prêmio da Bienal para as batatas do Grupo Argentino.



Desenho de Maty Vitart no Museu de Arte Moderna de São Paulo.



Óleo de Bernardo Cid na Galeria Christina Faria de Paula.



Em abril morria Ciccilo Matarazzo, incentivador das artes.

ESTAMOS NA VÉSPERA DA PAZ.

Amanhã, 1.º de janeiro, é o Dia Mundial da Paz. O dia que todos esperamos.